

Identidade e mobilidade judaica nos Estados Unidos do século XIX

Filipe Peixoto Neves

Bacharel em História pela UFF

RABIN, Shari. [Jews on the frontier](#): religion and mobility in Nineteenth-Century America. Nova York: NYU Press, 2019.

Jews on the Frontier: Religion and Mobility in Nineteenth-century reconta vividamente a história de uma era negligenciada na história judaica nos EUA, oferecendo uma nova interpretação das religiões norte-americanas, enraizadas não em congregações e denominações, mas na política e nas experiências de estar em movimento. O livro de Shari Rabin mostra que, ao focar nas pessoas comuns, obtemos uma visão mais completa de como a religião nos Estados Unidos tomou forma. A obra acompanha um grupo de indivíduos dinâmicos e diversificados em busca de recursos para estabilidade, certeza e identidade em uma nação onde havia pouco a ser encontrado.

Já no primeiro capítulo de *Jews on the Frontier: Religion and Mobility in Nineteenth-century*, a historiadora e pesquisadora de estudos religiosos, Shari Rabin, nos esclarece seu conceito de "mobilidade irrestrita", que ela argumenta distinguir a experiência judaica nos Estados Unidos. Um de seus principais argumentos é que a estrutura de regulamentação das nações europeias ditava a mobilidade física dos judeus de maneiras fundamentalmente diferente de como era nos Estados Unidos, onde tal regulamentação era quase inexistente. Por exemplo, embora os governos europeus classificassem os judeus como uma raça distinta, os costumes norte-americanos e os formulários de censo não continham tal categoria. Rabin também nos diz, ao longo de sua obra, que estes judeus norte-americanos não eram



necessariamente devotos quando cruzaram as fronteiras dentro dos Estados Unidos. Muitos eram imigrantes, e a maioria se passava por brancos tipicamente europeus, enquanto navegavam em sua própria liberdade em uma nação que privilegiava o estereótipo de homem branco e não restringia as religiões e povos minoritários como era de costume na Europa do século XIX.

Ainda na primeira parte do livro, a autora nos esclarece um pouco sobre as políticas de mobilidade, e fala sobre as diferentes políticas de movimento na Europa Ocidental. Segundo Rabin, é na Europa Ocidental que observamos uma espécie de mobilidade organizada onde não há muita supervisão do Estado. E então, na Europa Central e Oriental, observamos mais mobilidade monitorada. Em relação à Alemanha, somos lembrados que esta nação só surgiu unificada em 1871. Então, durante todo esse período, há reinos e cidades-estados e todas essas unidades diferentes, cada uma com sua própria política em relação aos judeus. Se você é judeu e diz “judeu” no seu passaporte, onde você pode se mudar e morar é uma questão de interesse do Estado. Segundo Rabin, nos Estados Unidos, essa mobilidade é irrestrita para os judeus. Eles podem se locomover sem serem marcados como judeus pelo governo. Esta mobilidade facilitada os levam onde quiserem, de uma forma meio caótica, nas palavras da autora, neste período de expansão para o Oeste. Shari Rabin nos faz olhar para esse fenômeno da mobilidade que está ligada à vida institucional judaica, pois nos locais onde há mobilidade monitorada ou organizada existiam instituições e comunidades judaicas oficiais. E é nos Estados Unidos do século XIX que a autora analisa uma mobilidade irrestrita, onde há também essa ausência de instituições.

Numa premissa mais biográfica e íntima, Rabin nos introduz na vida de um judeu norte-americano chamado Edward Rosewater, que vagou pelo meio-oeste na década de 1850, aprendendo a trabalhar com o telégrafo. Violando o próprio Sábado judaico, Rosewater não

era um cristão evangélico nem um observador do *Shabbat* que se rebelava contra a maioria cristã observadora do domingo. Consequentemente, *Jews on the Frontier* argumenta que o caso de Rosewater não é um caso periférico de deterioração religiosa por meio da secularização, protestantização, assimilação ou apatia. Em vez disso, o caso de Edward Rosewater é um exemplo do que a autora chama de “Religião Americana”. Rabin afirma que estes judeus imigrantes são uma instância legítima desta religião norte-americana, ao mesmo tempo que preenche a lacuna entre os estudos judaicos e a historiografia religiosa norte-americana.

Para todo aquele que possa se interessar na vida destes judeus norte-americanos, Rabin nos ensina sobre essas pessoas e como elas construíram suas identidades. Em seu livro, nos fica claro que para a maioria dos judeus a relação entre o judaísmo e o estilo de vida norte-americano era densa, o que ocasionou debate e inspirou adaptações. Estes judeus faziam coisas como comer carne não-*kosher*, mas não comiam carne de porco, evitavam uma vida devota à congregação, mas viviam em pensões judias e bairros judeus. Também se casavam com mulheres não judias, mas insistiam na identidade judaica de seus filhos. Shari Rabin nos traz numerosos exemplos destas contradições em seu livro. Rabin também nos traz uma ampla gama de fontes: documentos de família do *American Jewish Archives* (AJA), sermões judaicos também disponíveis na AJA, correspondências de Isaac Leiser e seu jornal, além de outros jornais, processos judiciais, registros federais sobre cidadania, registros de censo, etc. As fontes constantes deste estudo reforçam a importância do seu tema e do “espírito de mobilidade”.

Neste “espírito de mobilidade”, os judeus certamente fazem parte do projeto norte-americano de expansão para o Oeste. Os judeus imigrantes desbravaram esses novos lugares e se instalaram lá. Há, para Rabin, um certo entusiasmo neste processo de mobilidade, e

esses judeus estão empolgados em fazer parte de um projeto nacional, utilizando, inclusive, muito da mesma retórica do destino manifesto tão expressiva nos norte-americanos. Observa-se, também, uma internalização desta linguagem do destino manifesto, adaptada à realidade imigrante desses judeus, plantando a bandeira do judaísmo em lugares desconhecidos, replicando, então, a retórica de “terra vazia”. Além disso, há um pouco de sentimento anti-católico e anti-espanhol. Desta forma, esses judeus recém chegados aos EUA estão utilizando de ferramentas que lhes permitem participar desse projeto norte-americano mais amplo, expansivo, mas também o trazem para sua própria linguagem e retórica específicas sobre o desenvolvimento das instituições judaicas norte-americanas.

Ao longo de sua obra, a autora afirma que os judeus ainda querem manter o seu judaísmo essencial, e adotam novos tipos de critérios de autenticidade na formulação de suas vidas religiosas. Uma das fontes que Rabin aborda é um depoimento de 1859, onde um judeu em Saint Louis (estado do Missouri) afirma que seus três filhos são judeus e, embora sua mãe não seja judia, ele os está criando como judeus. Ele os circuncidou, e o próprio pai nunca mudou de religião e seus filhos são judeus. Há um fascínio nesta fonte pois a lei judaica diz que a identidade judaica vem da mãe. O judeu em Saint Louis estaria reivindicando uma identidade judaica para seus filhos. E ele está usando uma ferramenta do Estado, um depoimento legal, para reivindicar essa descendência patrilinear.

Em termos de mobilidade nos EUA do século XIX, os judeus fornecem uma janela importante para o fenômeno da diversidade e discriminação da vida norte-americana. Rabin afirma que esses judeus imigrantes estão no meio. Sendo os judeus são vistos como brancos, mas depois a autora nos surpreende sobre a invisibilidade e o individualismo da diferença onde esses judeus estão inseridos. Isso nos ajudaria a entender como raça e religião são entendidas nesses

Estados Unidos oitocentistas. Não é apenas que os judeus são uma religião diferente, ou uma religião em particular. É que os judeus se dão “melhor” quando sua diferença não é algo que pode ser visto no corpo, no físico. Isso também nos auxilia a esclarecer as questões de quem era aceito nos Estados Unidos e sob quais condições.

A obra ambiciosa de Shari Rabin transforma a ideia de mobilidade, que antes sugeria uma certa assimilação, mas Rabin a ressignifica. Os judeus americanos tinham o direito de se deslocar de um lugar para outro nos Estados Unidos que a maioria deles, principalmente os imigrantes, não havia experimentado anteriormente, como no caso dos judeus europeus. Eles homenageavam os eventos de ciclo da vida judaica, incluindo nascimento, casamento e morte, na medida do possível enquanto estavam na “estrada”. Eles se beneficiaram da percepção e do status de “brancura” tanto legal quanto socialmente nos Estados Unidos. Em última análise, uma lição central do *Jews on the Frontier* de Rabin é que o Judaísmo Americano não se limitou ao nordeste e definitivamente não se limitou à onda de imigrantes judeus do final do século XIX.

O livro de Rabin termina em 1877, então é notório o cuidado da historiadora em não fazer muitas afirmações sobre o que acontece depois deste período. Mas a historiadora aborda um pouco, na conclusão, sobre como o século XIX serviu de prelúdio e ajudou a configurar o que os imigrantes do Leste Europeu iriam encontrar em promissoras terras norte-americanas. Rabin também nos leva a pensar as questões que vemos no século XIX se repetirem com uma ênfase diferente, porque os imigrantes judeus posteriores vieram de locais mais urbanos da Europa. Contudo, alguns dos problemas e desafios da vida judaica norte-americana, com os quais esses judeus estavam lidando no século XIX, também estavam lá para a onda posterior de imigrantes, exceto que eles já haviam organizado instituições e maneiras de lidar com seus problemas.

O argumento central de Rabin, podemos concluir, é de que os Estados Unidos do século XIX eram acima de tudo "móveis", apresentando obstáculos significativos para os judeus praticantes. A ênfase de Rabin nas inúmeras maneiras pelas quais os judeus do século XIX criaram concepções mais abrangentes e expansivas do que era considerado "judaísmo autêntico" é uma contribuição interessante e útil para a crescente historiografia sobre os judeus nas Américas. Seu argumento não apenas ajuda a iluminar um aspecto pouco estudado do século XIX, mas fala sobre o estado da religião em um Estados Unidos em plena época de expansão territorial.

Sobre o autor

Filipe Peixoto Neves

É bacharel em História pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes. Desenvolve estudos no campo da história e das ciências políticas, com ênfase em liberalismo, história judaica, iluminismo judaico e sionismo.

Email: filipeneves72@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0441-461X>

Histórico

Recebido em: 24/05/2022. Aceito em: 08/06/2022. Publicado em: 20/10/2022.